



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS CAMPUS DOS MALÊS
GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA – LÍNGUA PORTUGUESA**

FELIPE DOS SANTOS GOMES

**JARGÕES POLICIAIS
LINGUAGEM E RELAÇÕES DE PODER NA POLÍCIA MILITAR DA
BAHIA**

São Francisco do Conde
2018

FELIPE DOS SANTOS GOMES

**JARGÕES POLICIAIS
LINGUAGEM E RELAÇÕES DE PODER NA POLÍCIA MILITAR DA
BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Licenciatura - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Santos Souza
Coorientadora: Profa. Dra. Lidia Lima da Silva

São Francisco do Conde
2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

G614j

Gomes, Felipe dos Santos.

Jargões policiais : linguagem e relações de poder na Polícia Militar da Bahia / Felipe dos Santos Gomes. - 2018.

45 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Lima da Silva.

1. Língua portuguesa - Jargão - Bahia. I. Bahia. Polícia Militar - Usos e costumes.

II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.7098142

FELIPE DOS SANTOS GOMES

**JARGÕES POLICIAIS
LINGUAGEM E RELAÇÕES DE PODER NA POLÍCIA MILITAR DA
BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 01 de novembro de 2018.

Profa. Dra. Profa. Dra. Cristiane Santos Souza
Doutora – Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Profa. Dra. Lidia Lima da Silva
Doutora – Universidade de São Paulo - USP
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Profa. Dra. Eduardo Ferreira dos Santos
Doutor – Universidade de São Paulo - USP
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Prof. Dr. Marcio André Oliveira dos Santos
Doutor – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Aos meus pais, Eliane e Jessé, à minha irmã Jessica, às minhas primas Laise e Lorena e seus futuros gêmeos, e a toda a minha família e amigos que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu pudesse chegar até esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Às minhas orientadoras, Profa. Dra. Cristiane Santos Souza e Profa. Dra. Lídia Lima, pelo suporte na construção deste trabalho e pelas suas correções e incentivos.

Ao Tenente-coronel, senhor Jaime, pelos materiais de pesquisas fornecidos sem os quais seria inviável a continuidade da monografia.

À minha mãe, Eliane, e ao meu pai, Jessé, pelo amor e apoio incondicional.

À minha irmã Jessica e às minhas primas Laise e Lorena, que me incentivaram neste logo processo acadêmico.

À minha família, aos amigos e ao grupo de ciclismo, Pedal do Cabula, que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação. O meu muito obrigado.

“Um poder que se serve, em vez de servir, é um poder que não serve.”

Cortella Mario.

RESUMO

Esta monografia se propõe a verificar quais são os principais motivos do uso de determinadas expressões características do universo linguísticos dos policiais militares da Bahia no contexto interacional das relações comunicativas institucionais, bem como problematizar como o poder hierárquico é expresso nas relações existenciais entre os indivíduos da corporação. Assume-se que relações linguísticas de poder são exercidas dentro da organização militar de duas maneiras e são aplicadas de forma subliminar, com objetivos completamente diferentes. Uma das funções dos jargões é o poder que a instituição PMBA, através de seus representantes, exerce sobre os membros da comunidade civil como, por exemplo, limitar o compartilhamento de informações; a segunda função, que esta pesquisa se propõe a estudar dentro da instituição PMBA, trata-se das relações de poder estabelecidas dentro do processo hierarquizado piramidal.

Palavras-chave: Bahia. Polícia Militar - Usos e costumes. Língua portuguesa - Jargão - Bahia.

ABSTRACT

This monograph proposes to verify what are the main reasons for the use of certain expressions characteristic of the linguistic universe of the military police of Bahia in the interactional context of institutional communicative relations, as well as to problematize how the hierarchical power is expressed in the existential relations between the individuals of the corporation. It is assumed that power linguistics are exercised within the military organization in two ways and are applied subliminally, with completely different directives. PMGA, through its representatives, exercises over members of the civil community, such as limiting the sharing of information; The second function, which is being considered an example within the PMBA, deals with the relations of power within the pyramidal hierarchical process.

Keywords: Bahia. Military Police - Uses and customs. Portuguese language - Jargon - Bahia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ORDEM UNIDA¹: BREVE HISTÓRIA DA POLÍCIA MILITAR NO BRASIL	14
2.1	ORDINÁRIO, MARCHE!	14
2.2	PARADA ²	17
2.3	VIBRAÇÃO ³	20
3	ANTIGUIDADES É POSTO!	22
3.1	GEMADA.....	22
3.2	O CHEFE MANDA, NÃO PEDE!.....	27
4	SUPERIOR NÃO ERRA, SE ENGANA!.....	32
4.1	ORDENS SUPERIORES.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	44

¹ **Ordem unida:** Disposição da tropa em formação impecável para marchar com cada elemento devidamente alinhado, respeitando os intervalos entre as colunas e as linhas do pelotão.

² **Parada:** Solenidade onde se reúne a tropa para marchar, cantar hino, homenagear e outras atividades militares, sendo precedida de movimentos e evoluções marciais. Geralmente observa-se a incidência de caruara (v.) quando esses eventos são demorados.

³ **Vibração:** Otimismo, excesso de zelo no cumprimento das ordens.

1 INTRODUÇÃO

O surgimento da temática da pesquisa vem da convivência interacional com integrantes militares da minha família e com alguns amigos de meu pai, Sargento do quadro da reserva de praças da Polícia Militar da Bahia (PBMA), onde sua atuação foi, durante muito tempo, na área conhecida pelos policiais como comando do antigo “quinto dos infernos” localizada hoje onde fica o CAB (Centro administrativo da Bahia). As regiões de atuações foram subdivididas e os policiais foram redistribuídos nas companhias independentes criadas.

O interesse da pesquisa se deu quando, após o meu ingresso no curso de letras, percebi, no decorrer dos estudos, na linguística a aplicabilidade de alguns conceitos dentro da minha realidade interacional, principalmente, com o meu pai. Desse modo, o interesse por pesquisar a temática a ser apresentada ocorre quando é tomada a consciência do uso de determinados jargões militares dentro da interação familiar, produzindo estranhamento do uso da linguagem militar que até então se fazia de forma bastante subliminar dentro do processo comunicativo. Não eram raras as lembranças do meu pai, por volta de cinco da manhã, fazer o que ele chama de “toque de alvorada”, o que se resumia basicamente em acordar a mim e a minha irmã, cada um nos seus respectivos quartos, com berros de “alvorada”. Assim surgiu o desejo de estudar os jargões da PMBA e as relações de poder existentes dentro da instituição, focando na real manutenção dessa linguagem específica.

A historicidade da formação do órgão da Polícia Militar (PM) revela elementos fundamentais para a análise da formação e das relações existenciais e institucionais na Polícia Militar. Desse modo, é fundamental a verificação das bases históricas de fundação da PM para, posteriormente, analisar linguisticamente os *jargões*¹ existentes dentro da instituição.

A base de formação da Polícia Militar brasileira surgiu dentro do processo de colonização portuguesa. Esse processo, juntamente com os períodos marcantes de intervenção da PM de maneira efetiva, como aconteceu na ditadura militar, distanciou ainda mais o órgão da sociedade civil e, para a efetivação dessa estrutura, foi necessária a construção e o uso de uma linguagem própria para a criação de uma barreira linguística intencional, como é o caso dos jargões dentro das corporações.

A Polícia Militar do estado da Bahia (PMBA) é um órgão estadual que tem como definição ser uma força auxiliar do Exército Brasileiro, por isso tem suas características e bases na força militar federal. Dessa maneira, a hierarquia é o fundamento principal dessas organizações, com atribuições de estabelecer e manter a segurança pública civil de maneira

ostensiva e fardada. Sendo um órgão vinculado ao estado da Bahia, fica subordinado à secretaria de segurança pública e ao governador.

A utilização de linguagens específicas não é um elemento restritivo apenas aos profissionais das áreas militares, como podemos observar em outras profissões. A existência de jargões na Polícia Militar é uma “herança histórica” do processo de construção e formação do órgão ostensivo estadual baseado na estrutura do Exército. O processo de relação entre essas duas estruturas militares permitiu uma linguagem próxima entre elas. A existência de uma linguagem própria de comunicação tem várias funcionalidades para o uso militar. O Jargão¹⁴ militar tem como característica funcional utilizar, estrategicamente, essa linguagem como forma de limitar a real compreensão da mensagem entre os indivíduos que não fazem parte desse grupo, fazendo com que as pessoas externas, de fato, não compreendam a fala dos militares.

Esse trabalho tomou por base a pesquisa bibliográfica e vídeos colhidos que contribuiu para a compreensão, ainda que parcial, das relações de poder existentes de maneira relevantes para analisar a estrutura existente entre os policiais militares. Assim, a análise da pesquisa foi realizada com a coletânea de estudos relacionados com a Polícia Militar focando as atenções nas linguagens específicas, história de surgimento e a estrutura institucional. Além da revisão de literatura, trabalhamos com documentos oficiais da polícia, a exemplo de: Estatuto da Polícia Militar da Bahia e a Lei Nº 7.259, de 21 de janeiro de 1998, que dispõe sobre o efetivo da Polícia Militar da Bahia. Foram consideradas, ainda, conversas informais e observações em espaços de convívio dos policiais.

Este trabalho procura verificar algumas questões pertinentes dentre elas: qual é o objetivo principal da manutenção desses códigos nos dias atuais? Qual foi o contexto do surgimento desses jargões? A utilização dos jargões determina a existência da relação de poder na estrutura hierárquica? Na construção deste trabalho foi notória a dificuldade de acesso às informações e materiais até mesmo nos sites oficiais disponibilizados pelo governo do estado da Bahia, além da ausência de materiais acadêmicos voltados ao foco da pesquisa. Assim, essas dificuldades foram contornadas com pesquisas em artigos com temas que se aproximavam da temática militar. Foram analisadas entrevistas de policiais militares existentes em pesquisas acadêmicas bem como a verificação de vídeos existentes em sites

⁴ **Jargão:** Termos utilizados pelos policiais Militares no contexto interacional de comunicação. Essas expressões servem como forma de fortalecimento da noção de unidade institucional, elemento fundamental na formação do polícia. O uso dos jargões ganha características específicas estratégicas militar quando se replica ou passa informações dentro de uma comunidade restrita de falantes no caso entre os membros da PMBA e de caráter crítico estrutural hierárquico de maneira velada, principalmente, pelas categorias de bases.

como *Youtube*. A utilização dessas formas alternativas possibilitou a continuidade da monografia tornando a realização da pesquisa viável.

Esta monografia está organizada em três capítulos que abordam a história do surgimento da Polícia Militar brasileira; a linguística, focando na funcionalidade da língua em seu contexto interacional entre os indivíduos; e, por fim, a discussão sobre as relações de poder existentes dentro da instituição. Alguns jargões existentes no meio policial são utilizados no trabalho como títulos e subtítulos de maneira intencional para apontar e apresentar o significado do que será discutido no capítulo.

No segundo capítulo foi tratada a história da formação da Polícia Militar brasileira para que o leitor saiba como surgiu a instituição e as leis que regulam a sua estrutura formacional. No terceiro capítulo, é discutido o uso intencional de determinadas expressões pelos falantes de uma determinada comunidade. O quarto capítulo é focado na composição institucional, verificando como as relações de poder são expressas dentro dessa comunidade de militares da polícia baiana.

2 ORDEM UNIDA⁵: BREVE HISTÓRIA DA POLÍCIA MILITAR NO BRASIL

2.1 ORDINÁRIO, MARCHE!⁶

Neste capítulo será apresentado um breve histórico da origem da Polícia Militar. O objetivo dessa breve apresentação é contextualizar como os jargões da PM podem ser relacionados aos jargões do exército. O marco exato da data inicial das atividades da Polícia Militar brasileira é muito discutido e suas bases históricas e a sua origem de fundação têm várias vertentes, apontadas por diversos autores sobre o período de formação existencial da corporação. Alguns estudos sobre o tema tomaram como marco cronológico o período da iniciação das bases das atividades policiais com a primeira Guarda Militar com a chegada de Martin Afonso de Souza no Brasil, no século XVI, conforme destacam Sousa e Moraes (2011) em seu artigo “Polícia e sociedade: uma análise da segurança pública brasileira”.

Para verificarmos a base estrutural, existencial e linguística da Polícia Militar dos dias atuais temos que verificar o contexto histórico de formação que deu origem a essa organização. A história de formação da sociedade brasileira na ajuda a entender alguns pontos fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

O século XVI marca o início do período colonial de exploração portuguesa no território brasileiro. Nesse processo, os colonizadores utilizaram mão de obra escrava vinda de diversas regiões do continente africano; esse processo escravocrata não ocorreu de maneira pacífica e, por diversas vezes, aconteceram conflitos e revoltas por parte da população, que sofria com a dominação dos colonos. Assim surgia a necessidade de contenção das massas revoltosas dentro do processo e foi criada a guarda militar com o objetivo de manter e “domesticar” as massas que se rebelassem; o objetivo era conter a resistência e garantir o processo de submissão imposto dentro pela sociedade escravocrata e patriarcal (FAORO, 1997).

Existem dentro de todo processo de dominação consequências sociais relevantes até os dias atuais no Brasil, incluindo, diretamente, a formação e atuação da Polícia Militar na sociedade que tem como principal característica manter a ordem e conter as massas rebeldes. Podemos perceber também que a instituição até os dias atuais contém em suas bases estruturas patriarcais entranhadas na corporação dificultando o acesso de mulheres, principalmente, nas posições de comandos.

⁵ **Ordem unida:** Disposição da tropa em formação impecável para marchar com cada elemento devidamente alinhado, respeitando os intervalos entre as colunas e as linhas do pelotão.

⁶ **Ordinário, marche:** Ordem pronunciada aos berros por quem está à frente de um grupamento, mandando iniciar a marcha.

A colonização portuguesa gerou inúmeras consequências destrutivas no processo de construção da sociedade brasileira. A desigualdade social, oriunda desse processo de domínio realizada de maneira intencional por Portugal tinha como uma das intenções a obtenção de lucro.

A escravidão foi um regime para a efetivação da colônia brasileira, de exploração e ocupação para a produção de cana-de-açúcar, café e extração de ouro; também não podemos deixar de citar o principal pretexto para a manutenção desse sistema, a lucratividade com o comércio de escravos. Nesse período, o domínio português sempre se manifestou na ideia de contenção das massas que se encontravam à margem deste processo, pois a estrutura de exploração era completamente comprometida com aquelas pessoas que eram consideradas pelo sistema como marginalizadas e exerciam várias maneiras de resistência, dificultando, diretamente, os interesses de Portugal. Dessa forma, tiveram início as diversas formas de repressão das massas na sociedade brasileira por parte do estado e o órgão polícia militar teve suas bases consolidadas nessas estruturas para conter essa população revoltosa para manutenção do sistema de maneira estagnada.

Na Bahia, no século XIX, o processo de contenção das massas não se deu de forma diferente do restante do Brasil. As forças policiais reagiam com contundência a fim de reprimir as revoltas existentes dos povos escravizados. Como podemos perceber na passagem a seguir do artigo “Recôncavo Rebelde: Revoltas escravas nos engenhos baianos”, descrita por João José Reis (1992):

A próxima rebelião aconteceria mesmo em Salvador, em 1835, liderada por africanos muçulmanos ou malês. Estes pensaram em levar o movimento ao Recôncavo, onde tinham contatos, principalmente em Santo Amaro. Daqui fugiram alguns escravos para lutar nas ruas da capital. No final do levante, já derrotados, os rebeldes tentaram deixar a cidade para se unir a escravos de um engenho no Cabrito, as da de Salvador e entrada do Recôncavo. Mas nunca conseguiram. Caso fossem bem-sucedidos, talvez tivéssemos a “guerra dos escravos” de que falara aquele oficial francês doze anos antes. A repressão ao levante urbano de 1835 foi severa e, combinada com as medidas de controle do Recôncavo, fez com que as revoltas escravas praticamente desaparecessem. Mas deve-se levar em conta também outros fatores estruturais. O mais importante talvez tenha sido a diminuição do tráfico, proibido desde 1831. Embora o contrabando de escravos continuasse até meados do século, a entrada de africanos novos reduziu consideravelmente. Além disso, depois de 1835 se intensificou a exportação de escravos da Bahia, cuja economia açucareira decaía, para as províncias do Sul, onde a economia cafeeira prosperava. (REIS, 1992, pp. 120-121).

Podemos verificar que a polícia se concentrava nas ações de contenção das massas revoltosas escravizadas dentro do processo histórico baiano, utilizando de repressão intensa e,

por diversas vezes, foi feito o uso de força física e armada contra os revoltosos para a manutenção do sistema escravocrata de domínio das classes favorecidas.

As formações das bases policiais surgem nesse período de contenção dos grupos populares no processo de lutas, revoltas e resistências ao domínio e à hegemonia branca dentro do colonialismo português. O enfrentamento das massas revoltosas, atendendo aos interesses do estado, causou o afastamento institucional da população desde o início das bases de formação das Polícias Militares até os dias atuais.

O distanciamento da PM brasileira é justificado pelo fato de que existe um sentimento de que a comunidade externa é vista como suspeita. Podemos levar em conta que a formação da polícia militar brasileira seguiu as influências burguesas portuguesas, favoráveis às classes e às necessidades da classe dominadora e à repressão às classes consideradas marginais.

A polícia também pode ser compreendida sendo de uma ótica estrutural, como uma organização que existe para fazer valer a regra social imposta pela classe dominante e pela máquina do estado autoritário. (LINHARES, 1999, pp. 9-10)

Para o momento tomamos como referência cronológica para a fundação da Polícia Militar o período após a vinda da família Real para a capital do Brasil, pois já é possível notar elementos fundamentais característicos dos órgãos de segurança pública, como o objetivo fundamental de manutenção da ordem pública e a segurança coletiva. No século XIX, a capital do Brasil era a cidade do Rio de Janeiro, local em que residiu a família Real e quando foi criada a Guarda Real de Polícia, corporação que, futuramente, deu origem de fato às instituições Policiais Militares brasileiras. A evolução do policiamento foi de forma gradativa se moldando às necessidades históricas e sociais com o passar do tempo, tendo, nos dias atuais, uma característica de aproximação da sociedade civil.

A PM comunitária foi criada com o objetivo de ter uma polícia que se percebesse parte desse processo de violência e de repressão social nas comunidades menos favorecidas. Essa mudança fez-se necessária para a desconstrução da sua forma de tratamento e atuação com a população pobre. Desse modo, a polícia tenta se aproximar da sociedade com graves problemas históricos sociais.

A abolição da escravidão, a instauração de um federalismo altamente descentralizado e o rápido crescimento urbano das principais cidades brasileiras exigiram profundas modificações nas instituições policiais. No aspecto social, a abolição da escravatura afetou profundamente o trabalho policial. O papel das polícias no controle social concentrava-se na vigilância

das classes urbanas perigosas e, com o fim da escravidão, as polícias reinterpretaram sua função na estrutura de controle social. Uma das primeiras tarefas impostas ao aparelho policial foi o controle da população rural que migrou em massa para os principais centros urbanos. (SOUSA; MORAIS, 2011, pp. 5-6)

Também podemos verificar na história de formação da sociedade brasileira, fatos como a ditadura militar que intensificou o distanciamento da sociedade com a organização militar, compreendendo que a instituição foi utilizada como elemento fundamental para a repressão exercida na tomada de poder governamental, a fim de calar e eliminar todos e quaisquer tipos de contestação por parte da comunidade civil.

2.2 PARADA⁷

A análise deste trabalho concentra-se em estudar a Polícia Militar do estado da Bahia (PMBA), órgão estadual de policiamento ostensivo fardado, tendo como definição ser uma força auxiliar do Exército Brasileiro (EB), por isso tem suas características e bases na força militar federal tendo a hierarquia como fundamento principal dessa organização, como pode ser verificado no Artigo 144, inciso sexto, da Constituição Federativa Brasileira.

Art. 144. A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos: § 6º As polícias militares e corpos de bombeiros militares, forças auxiliares e reserva do Exército, subordinam-se, juntamente com as polícias civis, aos Governadores dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios. (BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Ementa, Capítulo III da segurança pública)

A formação da PMBA segue os ritos existentes no EB, desde o monitoramento e a modelagem da linguagem corporal, até a modificação da linguagem verbal adotadas, processo que se inicia do ingresso do civil na carreira militar, no curso de formação da PMBA, como podemos ver na passagem da dissertação de LINHARES (1999), que retrata as mudanças nas linguagens dos alunos no curso de oficiais na Escola de Bravos:

Como um rito de passagem dissimula, o ensino da língua adentra o aluno numa expressividade marcante. Leva o cadete a abdicar de sua linguagem oral de passagem dissimulado, o ensino da língua adentra o aluno numa

⁷ **Parada:** Solenidade onde se reúne a tropa para marchar, cantar hino, homenagear e outras atividades militares, sendo precedida de movimentos e evoluções marciais. Geralmente observa-se a incidência de caruara (v.) quando esses eventos são demorados.

expressividade marca original, incorreta, simplória, feia, viciosa, cheia de gírias, palavrões e expressões chulas, enfim, **a calar a língua do mundo civil**. E o obriga a falar bem, bonito, com elegância, com concordância, correção, altivez e autoridade. Passa a falar de um outro lugar, de uma nova posição, com voz de oficial. (LINHARES, 1999, p. 70)

Como podemos perceber nesse trecho descrito por Linhares, assim que o aluno é inserido no ambiente militar, é obrigado a modificar a sua linguagem “natural”, “*a calar a língua do mundo civil*”, para se adequar às exigências estabelecidas nos espaços militares formais. No processo de formação, o aluno também tem contato com os jargões militares utilizados dentro da instituição como forma de caracterizar esta comunidade, como uma marca constituída cultural e socialmente. Dessa forma, podemos considerar a observância e o monitoramento da linguagem individual para ser o mais parecido com a linguagem daquele grupo como formas de ritos de passagem do mundo civil para a carreira militar. Mais à frente será abordada um pouco mais a fundo esse processo de afastamento da sociedade civil.

A imposição do monitoramento existente dentro de cada indivíduo neste processo de formação profissional da academia da polícia militar permite certo *status* dentro da pirâmide hierárquica, quanto mais o oficial domine a oralidade ele terá mais prestígio dentro desta comunidade, estabelecendo assim uma das relações de poder que se faz presente no militarismo, a fala é elemento fundamental para a aplicabilidade da relação de poder na estrutura hierárquica visto que ela apresenta uma alternância, ora de forma explícita e outras vezes de forma subliminar, deste modo a fala representa dentro da estrutura da Polícia militar *status* sendo relevante para a aplicabilidade da hierarquia organizacional.

A existência de elementos semelhantes na formação aproxima existencialmente a polícia militar com o exército. Esse estreitamento institucional pode ser percebido nos marcos histórico, símbolos nacionais e regionais, divisas⁸, brevê⁹, rituais militares, solenidades e nas linguagens utilizadas dentro dessas duas instituições. Essa aproximação é de fundamental importância para o órgão, levando em consideração que a PM tem essa necessidade de construção de uma cultura indenitária e histórica para justificar a sua existência organizacional.

Os jargões militares são utilizados dentro dessas corporações como forma de identificação, aproximação entre os indivíduos e a aplicabilidade do poder, tendo como um dos objetivos principais diferenciar e afastar os membros deste grupo da comunidade civil, com a característica fundamental de criar uma nova comunidade que torne o indivíduo

⁸ **Divisa:** Listra simbólica da graduação de praça.

⁹ **Brevê:** Distintivo usado na farda para dizer que fez curso de especialização; manicaca.

policial militar parte daquela realidade de pessoas selecionadas, desenvolvendo, assim, o sentimento de união entre os indivíduos com a instituição militar e criando uma identidade única entre os integrantes daquele seletivo grupo, como foi descrito por Linhares (1999):

Os muros, assim, que demarcaram esta territorialidade são como a pele do corpo institucional que protegem e dão limite. São o espaço privilegiado para a gestação das identidades culturais pretendidas. Os muros, como fronteiras, duplicam a espacialidade para a contraposição dos sentidos e a afirmação de uma identidade. Uma identidade diferente dentro do espaço cercado, diferente das identidades externas, profanas. Os muros, assim, protegem e separam, cumprem uma função para além das projeções espaciais objetivas. (LINHARES, 1999, pp. 31-32)

O afastamento da sociedade civil é estrategicamente fundamental para a formação da identidade institucional como podemos ver na passagem acima. Esse espaço que se isola da comunidade exterior cria um ambiente propício para a formação de uma linguagem específica. Tal elemento é primordial para o reconhecimento do indivíduo como parte integrante daquele ambiente através da introdução no vocabulário dos integrantes em formação o jargão militar utilizado na caserna¹⁰ e na área¹¹.

A existência de jargões na Polícia Militar é uma “herança histórica” do processo de construção e formação do órgão ostensivo, estadual e baseado na estrutura do Exército. Esse processo de relação entre essas duas estruturas militares permitiu uma linguagem próxima entre elas. O jargão utilizado na PMBA tem as suas bases principais na composição utilizada da instituição federal, podemos verificar o uso de grande parte das expressões com o mesmo significado dentro das duas corporações, existe também o desuso de algumas palavras e a formação de novos vocabulários específicos.

¹⁰ **Caserna:** Alojamento para moradia de militares.

¹¹ **Área:** Local de atuação do batalhão ou companhia independente.

2.3 VIBRAÇÃO¹²

O processo de renovação da PMBA se faz necessário para atender às necessidades da sociedade que é assolada pelo *crime organizado*. Essa evolução permitiu algumas mudanças comportamentais dentro da instituição Policial, como revela o estudo “Estudos e Controle Social: Uma análise do policiamento comunitário”, conforme Loche (2012). Como bem destaca a autora, “As forças policiais assumem que são incapazes de controlar e prevenir o crime sem que haja uma integração com a sociedade doutras agências públicas e também da sociedade” (LOCHE, 2012, p. 44). A polícia comunitária surgiu como forma de intervenção policial mais eficiente tendo em vista que o modelo existente de combate ao crime não tinha efeito para a diminuição da violência na sociedade. Na polícia baiana, nos últimos anos, o governo do estado da Bahia determinou mudanças significativas para a atuação contra o crime organizado e, com isso, a política adotada pela secretaria de segurança pública conseguiu a diminuição de mortes com o programa pacto pela vida, adotada como elemento para garantir o respeito aos fundamentos dos direitos humanos, pois a vida é elemento primordial para a garantia plena e o respeito a essas normas exigidas internacionalmente, diminuindo, dessa maneira, os casos de homicídios no estado vigente.

Hino da Polícia Militar da Bahia
Canção Força Invicta¹³
 Centenária milícia de bravos
 Altaneira na fé e no ideal
 Atravessaram da Pátria as fronteiras
 Tuas armas, tua glória, teu fanal
 Força invicta da terra brasileira
 Na Bahia irrompeu varonil
 Desfraldando do Império, a Bandeira
 Das primeiras a surgir no Brasil.
 Pelejaste no Brasil e no estrangeiro
 Sob o Império e na República também
 Jamais derrotas sofreram tuas armas
 Quer aqui ou em plagas além
 No sul do País norte ou centro
 Memorados são os teus brasões
 Teu heroísmo cantaram os pampas
 Teu denodo proclama os sertões
 Da Pátria é também tua história.
 Criada foste com a emancipação

(Continua)

¹² **Vibração:** Otimismo, excesso de zelo no cumprimento das ordens.

¹³ **Invicta:** Que nunca perdeu; que jamais saiu derrotado: campeão invicto.

(Continuação)

O teu sangue regou nosso solo
 Ajudaste a edificar a nação
 Centenária milícia de bravos
 Altaneira na fé e no ideal
 Atravessaram da Pátria as fronteiras
 Tuas armas, tua glória, teu fanal
 (Letra: Major PM José Modesto; Música: Major PM Eduardo Ramos)

Dentro do hino institucional podemos perceber alguns elementos como a exaltação do policial militar, a valorização da história de fundação na construção da canção e a utilização de características que colocam a PMBA na condição de organização vitoriosa, beirando a construção mitológica, como podemos verificar em partes da música e no título escolhido do hino “Força Invicta”.

A atividade da Polícia Militar é fundamental para a composição do estado garantindo o cumprimento do dever legal e a ordem da sociedade. Podemos verificar que, sem a atuação do serviço da PMBA, a sociedade baiana vira um caos, pois a atuação da polícia é exercida de maneira enérgica quando necessária contra a criminalidade ou a normalidade estrutural do estado. O processo histórico de contenção das massas revoltosas no Brasil deu origem à necessidade do estado para criar e manter uma instituição que reprimisse as classes que se rebelassem contra o governo. O surgimento da Polícia Militar garantiu a opressão da população criando, assim, mecanismos na sua estrutura interna de formação do policial militar. As características que influenciam a PM até os dias atuais são a permanência da hierarquia, a disciplina e a sua linguagem corporal e verbal.

A funcionalidade da língua em uma determinada comunidade de falantes é utilizada de maneira intencional pelos seus falantes e os jargões policiais são utilizados como uma das formas de afastamento da sociedade civil e de pertencimento institucional.

3 ANTIGUIDADE É POSTO!¹⁴

3.1 GEMADA¹⁵

O estudo da utilização de elementos da linguagem específicos por parte da PMBA é relevante para os estudos linguísticos, responsável por descrever e explicar o funcionamento da língua, sua forma e seu uso nos processos de interação. Os estudos específicos realizados dentro desta pesquisa na área militar ajudarão em futuras pesquisas para a comunidade acadêmica, no que se refere à verificação e aplicabilidade da língua em uso no contexto social, bem como para entender como elementos e estratégias utilizadas por determinada comunidades de falantes proporcionam uma identidade unitária e seletiva dos indivíduos que façam parte deste grupo.

A linguagem pode ser utilizada como estratégia limitadora de acesso à informação no ambiente interacional, dificultando ou impossibilitando a compreensão total ou parcial de integrantes externos à comunidade específica de falantes, utilizando assim de elementos na fala para manter a comunicação restrita aquele grupo sem a compreensão das demais pessoas não oriundas daquele meio.

A aplicabilidade das diversas formas de elementos limitadores da linguagem utilizada pelos profissionais de segurança pública no contexto usual da língua pretende, intencionalmente, limitar a passagem da mensagem a terceiros, ou seja, o objetivo do uso da fala específica tem como característica principal a estratégia operacional ou ocultação de fatos e elementos para que a comunidade externa não saiba da informação passada.

O estatuto da PMBA regula a conduta e a linguagem do policial militar, determinando como o servidor deve se portar no que diz respeito à utilização da fala escrita e oral, como pode ser visto no artigo 30 a seguir.

SEÇÃO II DA ÉTICA POLICIAL-MILITAR

Art. 30 - O sentimento do dever, o pundonor policial-militar e o decore da classe impõem a cada um dos integrantes da Polícia Militar conduta moral e profissional irrepreensíveis, com observância dos seguintes preceitos da ética policial-militar:

IX- ser discreto em suas atitudes e maneiras e em sua linguagem falada e escrita; (Estatuto da Polícia Militar, 1981, pp. 7-8.).

As relações linguísticas de poder são exercidas dentro da organização militar de duas maneiras principais. Elas são aplicadas de forma subliminar com objetivos completamente

¹⁴ **Antiguidade é posto:** Usa-se a expressão para impor a precedência do mais antigo.

¹⁵ **Gemada:** Estrela de oficial superior.

diferentes. Uma das funções dos jargões é o poder que a instituição PMBA, através de seus representantes, exerce sobre os membros da comunidade civil como, por exemplo, limitar o compartilhamento de informações, tendo em vista que o domínio da língua caracteriza o poder sobre o grupo ou determinada comunidade que não tenha o domínio da língua. A segunda função, que esta pesquisa se propõe a estudar dentro da instituição PMBA, trata-se das relações de poder estabelecidas dentro do processo hierarquizado piramidal.

A utilização de determinados elementos revela muito sobre a Polícia Militar da Bahia, pois esse órgão prioriza a hierarquia e tem como elemento fundamental a relação interacional entre os indivíduos de maneira vertical, ou seja, as relações institucionais estão voltadas a elementos que coloquem cada militar em um respectivo grau de diferenciação dos demais. Assim, cada servidor público fica impossibilitado no ambiente formal institucional de tratar de maneira horizontal qualquer indivíduo no contexto interacional. A existência de elementos monitoradores linguisticamente que justificam essas práticas de manutenção de poder está estabelecida dentro do regulamento interno institucional, onde estão descritos elementos classificadores dentro da pirâmide hierárquica da PMBA, como o grau ou o posto de que o militar faz parte, “antiguidade” a sua precedência na função (classe) ou a sua pontuação no curso de formação, sua idade. Por fim, a oralidade também entra de forma velada na condição do sujeito ativo, tendo principal característica o uso da linguagem como principal forma de opressão dos subordinados.

CAPÍTULO III DA HIERARQUIA E DA DISCIPLINA

Art. 15 - A hierarquia e a disciplina são a base institucional da Polícia Militar, crescendo a autoridade e a responsabilidade com a elevação do grau hierárquico.

§ 1º - A hierarquia policial-militar é a ordenação da autoridade em níveis diferentes, dentro da estrutura da Polícia Militar. A ordenação se faz por postos ou graduações; dentro de um mesmo posto ou graduação se faz pela antiguidade no posto ou graduação.

§ 3º - A disciplina e o respeito à hierarquia devem ser observados e mantidos em todas as circunstâncias da vida, entre os policiais-militares da ativa, da reserva remunerada e reformados.

Art. 19 - A precedência entre policiais-militares da ativa, do mesmo grau hierárquico, é assegurada pela antiguidade no posto ou graduação, salvo nos casos de precedência funcional estabelecida em lei.

§ 4º - Em igualdade de posto ou de graduação, os policiais-militares da ativa têm precedência sobre os da inatividade. (Estatuto da Polícia Militar, 1981, p. 3)

Alguns elementos usados no cotidiano da corporação, como “antiguidade é posto”, estabelecem uma precedência ou até reforça a ideia de uma superioridade dentro da mesma classe. É importante explicar esta frase para quem não é do meio militar, pois ela carrega

elementos subliminares da estrutura da PMBA explicando muito sobre o órgão militar estudado. Dentro dos quadros existentes da PMBA há dois, os praças (graduação) e os dois oficiais (postos), a principal diferença é que na graduação os militares tornam-se graduados em segurança pública sendo que a classe subalterna da PMBA e as suas categorias são compostas por: 1ºSoldado, Cabo, Sargento e subtenente; já o posto os formados recebem o título de especialistas em segurança pública e suas categorias são compostas por: 1ºTenente, Capitão, Major, Tenente-Coronel e Coronel.

Podemos verificar que, na prática, existe uma divisão bem clara entre as categorias dos oficiais e a das praças, criando assim duas polícias dentro da mesma instituição Polícia Militar. Como podemos ver nos relatos de um Policial Militar do estado de Minas Gerais na tese “Cultura de polícia”, de Júnior (2007). Dentro da PMBA podemos verificar a utilização da tabela encontrada no estatuto da polícia Militar para organização estrutural do quadro de formação hierárquica da instituição, estabelecendo assim a composição e o nível de subordinação dentro dos níveis existentes.

Tabela (1): Organização estrutural do quadro de formação hierárquica

H I E R A R Q U I Z A Ç Ã O			
CÍRCULO DE OFICIAIS	CÍRCULO DE OFICIAIS SUPERIORES	POSTOS	CORONEL TENENTE-CORONEL MAJOR
	CÍRCULO DE OFICIAIS INTERMEDIÁRIOS		CAPITÃO
	CÍRCULOS DE OFICIAS SUBALTERNOS		PRIMEIRO TENENTE SEGUNDO TENENTE

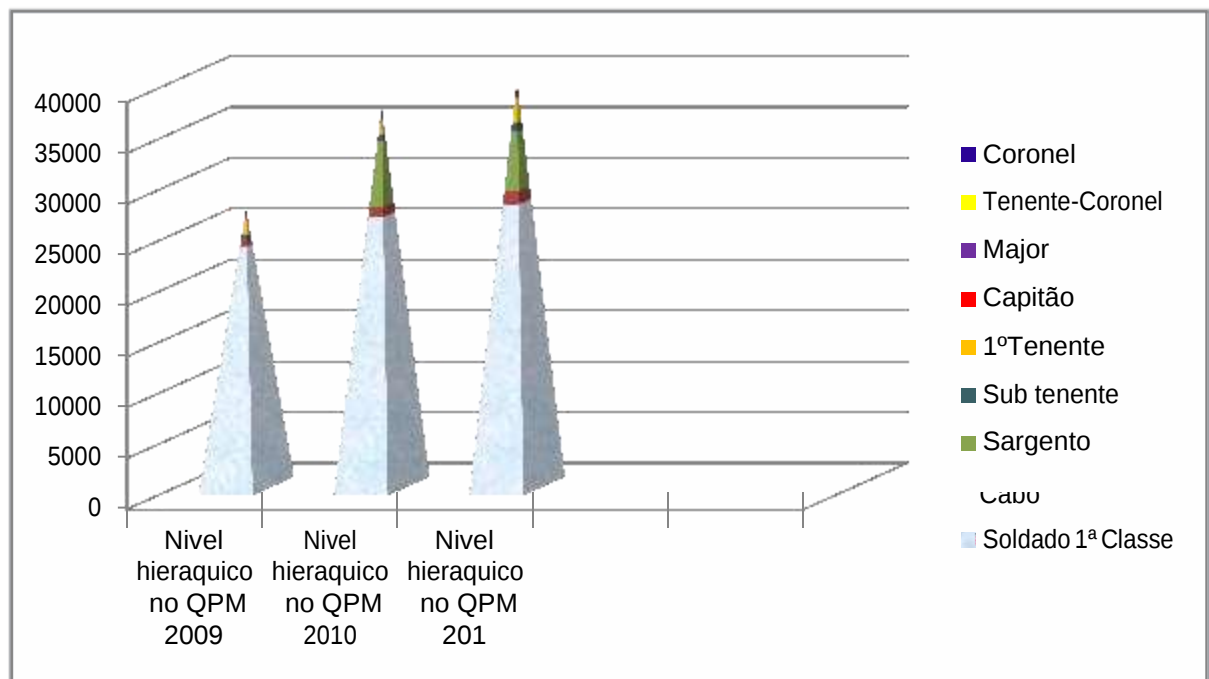
(Continua)

(Continuação)

CÍRCULO DE PRAÇAS	CÍRCULO DE SUBTENENTES E SARGENTOS	GRADUAÇÕES	SUBTENENTE
	CÍRCULO DE CABOS E SOLDADOS		PRIMEIRO SARGENTO SEGUNDO SARGENTO TERCEIRO SARGENTO
			CABO SOLDADO PRIMEIRA CLASSE SOLDADO SEGUNDA CLASSE RECRUTA

Fonte: Estatuto da polícia Militar da Bahia, lei Nº 3.933 de 06 de novembro de 1981, pag. 4-6.

Figura (2): Reorganização da Polícia Militar da Bahia,



Fonte: Projeto de Nº 20.980/2014.

As divisões das classes evidenciam a separação dos indivíduos conforme a sua patente dentro do quadro hierárquico. Esse modelo de fragmentação institucional não ocorre apenas nos círculos de relacionamentos entre as principais categorias de oficiais e praças, dentro

destes espaços a existência de acessos limitadores para cada categoria nas dependências institucionais como salas e banheiros. O modelo estrutural que mantém a configuração da separação dos círculos de uma mesma corporação tendo como o grupo privilégios a classe dos oficiais e a das praças como aquela menos privilegiada determinando assim, o desmembramento simbólico da corporação que faz questão de passar para a sociedade uma imagem distorcida da realidade existencial institucional de uma Polícia Militar sólida, unitária, democrática e heterogênea, pode-se verificar que, na prática, existe o distanciamento entre esses grupos.

As utilizações de elementos linguísticos específicos para cada uma dessas duas categorias existentes são encontradas nos contextos de relacionamentos conversacionais informais. Podemos verificar que os jargões são utilizados como forma de protesto e insatisfação de maneira velada dentro da categoria de menor privilégio. O uso do jargão “gemada” na categoria das praças, por exemplo, é aplicado para evidenciar um oficial superior de maneira pejorativa, tendo em vista que eles são caracterizados pelas estrelas douradas nos ombros que são representação do ouro como forma de exaltação da sua posição institucional.

A manutenção de elementos conservadores dentro da corporação militar, onde quem é o superior hierárquico nem sempre, na prática, é o mais preparado para aquela posição e sim quem é o mais antigo ou quem obteve uma nota maior no período de formação, estabelece uma relação de poder entre os indivíduos às vezes gerando conflitos internos na busca desta precedência para alcançar e galgar um lugar de prestígio dentro da cadeia hierárquica pré-estabelecida, como podemos perceber na passagem descrita na tese “Cultura policial” por Júnior (2007).

A figura do estado, por trás da “oficialidade” e relevância da missão de polícia, evoca inúmeros rituais obrigatórios na vida do policial, observados de forma mais rigorosa que os formalismos das organizações privadas. Tais rituais enaltecem a disciplina, erigida como elemento imprescindível de controle interno. Incluem desde gestos obrigatórios de reverência aos níveis mais altos da hierarquia, passando por instruções, códigos de postura e apresentação corporal, até desfiles e outras solenidades que, de forma suntuosa, transmitam ao público e aos próprios policiais uma imagem de excelência, tradição e espírito de corporação. (JUNIOR, 2017, pp. 51-52)

O sentimento e o desejo de uma união sólida dentro da instituição Militar ganham um viés contraditório quando analisamos as relações funcionais existentes dentro do espaço policial. Existe, dentro da instituição, uma separação de duas polícias militares; se por um lado existe o sentimento de glorificação das estrelas de altas patentes, do espadachim e o

reconhecimento institucional, do outro lado resta o abandono e a subordinação para os praças. Desse modo, a separação não ocorre simplesmente quanto à existência dos quadros com a divisão de trabalhos ostensivos mais voltados à categoria de praça executando o policiamento na rua (segurança diretamente com o público na rua) ou às funções administrativas voltadas à categoria dos oficiais (planejamento de atuação). As relações de poder podem ser compreendidas além das classificações hierárquicas e o modelo existente dentro desse processo implica até as sutilezas dentro do processo institucionalizado, como a fala monitorada com superiores. As relações de poder podem ser observadas no uso dos jargões; é possível identificar a relação de poder na fala dos indivíduos, autores e receptores. É possível, ainda, na perspectiva de uma instituição que é plenamente masculinizada e o acesso feminino é de forma ainda restrita e de maneira, na maioria das vezes, superficial nos postos de liderança e no topo da cadeia, que os elementos estudados caracterizam a PM como um órgão patriarcal e conservador em suas bases.

3.2 O CHEFE MANDA, NÃO PEDE!¹⁶

À linguística cabe estudar, de forma científica, a estrutura e os usos dos elementos existentes em uma língua. Interessa, por exemplo, aos estudos linguísticos, descrever e explicar os motivos intencionais do uso de determinadas construções pelos falantes de uma comunidade no seu contexto interacional. A utilização de elementos dentro da fala policial que caracterizam as relações de poder dentro dessas corporações pode ser explicada com os estudos existentes na área da política linguística.

O processo de afastamento da comunidade civil é utilizado para estabelecer esta separação que vai além da criação da barreira das estruturas físicas existentes entre esses espaços que em sua maioria evita o acesso a esses espaços tendo em vista que a visão da comunidade externa é vista como suspeita, mas também é criado um distanciamento no campo da língua.

Os códigos utilizados dentro da linguagem policial é elemento fundamental para que a comunidade externa a corporação não tenha conhecimento ou tenha dificuldade para decodificar a informação no momento da interação entre os membros do grupo, tendo em vista que o critério básico da comunicação é que o interlocutor e o receptor compartilhem do mesmo código linguístico. Desse modo, podemos analisar que uma das funcionalidades dos

¹⁶ **O chefe manda, não pede:** Submissão, puxa-saquismo.

jargões pelos militares é evitar que a mensagem seja entendida pela comunidade civil, ou seja, os elementos que não fazem parte da comunidade policial, criando barreiras intencionais para os falantes que, neste momento, vamos chamar de estrangeiros à comunidade. As formas de poder nesse contexto são exercidas de duas formas: uma se caracteriza por afastar a polícia militar da comunidade civil; e a outra forma é a existência das relações institucionais de poder. A primeira forma de poder é verificada quando a comunidade externa não tem acesso à linguagem interna. A existência desse afastamento é justificada no próprio modelo de base da construção da polícia militar, que cria o afastamento da comunidade civil criando sua própria comunidade, cultura e língua, criando uma relação de vantagem sobre a população que desconhece o código utilizado pelos militares. Nesse sentido, deste modo o poder linguístico sobre os elementos não participantes é exercido intencionalmente como estratégia e domínio.

A compreensão da linguagem policial através de determinados jargões utilizados dentro da corporação determina as relações de poder no ambiente externo e interno da corporação, portanto, o uso desses elementos torna-se o foco de estudos para compreender a funcionalidade da língua viva.

A compreensão da existência de um elemento fundamental para a análise da pesquisa em questão, como já foi dito anteriormente, tem relação direta com as relações de poder existentes dentro do processo institucional da PMBA. Assim, , quando existe a relação interacional onde dois falantes estejam em níveis de poder diferentes ou desiguais, há maneiras veladas de imposição linguística.

Podemos avaliar que a língua pode ser usada de várias formas dentro dos diferentes contextos, podendo ser utilizada como forma estratégica. Por exemplo, podemos destacar a restrição de expressões usadas intencionalmente é pelos falantes de maneira estratégica para passar o conteúdo da mensagem apenas para grupos específicos. Essa é a estratégia utilizada pela PMBA para manutenção da comunicação limitada dentro de um ambiente de falantes da mesma língua; ao fazer uso de jargões dentro da sua fala, criando ruídos na comunicação para indivíduos que não façam parte da comunidade militar e que compartilhem a mesma língua, a finalidade da instituição é utilizar elementos que afastem e criem barreiras para dificultar ou até mesmo não permitir que os demais grupos externos tenham conhecimento do conteúdo passado, tornando, assim, a compreensão efetiva apenas para as pessoas que façam parte daquela comunidade, compreendendo e interpretando a mensagem passada de maneira correta.

Dentro deste processo temos que analisar a aplicabilidade do poder denominado como *hard power*¹⁷ que é aplicado para a manutenção da estrutura estagnada e da hegemonia das posições de comando, evitando, também, a contestação por parte dos indivíduos da comunidade interna em relação às ordens oriundas das camadas superiores, criando uma relação de poder de modo unilateral.

Podemos observar que os jargões têm papel importante dentro dos espaços institucionais e na relação de poder existente dentro da corporação. A imposição de superioridade hierárquica, que às vezes se mostra de forma velada, existente na conversação ativa ou passiva dos militares demonstra como é formada a estrutura da relação de poder dentro da comunicação institucional da Polícia Militar.

A manutenção dos jargões dentro da comunidade policial é utilizada de maneira estratégica para a manutenção do poder dentro da escala hierárquica mantendo as relações sempre de maneira horizontal e estagnada, não permitindo ou dificultando a mobilidade; porém, como veremos à frente, as relações de poder não são imutáveis. Como a relação de poder mudar conforme alguns critérios estabelecidos dentro da sociedade e não pode ser contida por nenhum indivíduo de forma absoluta e plena, mesmo em sistemas que favoreçam a manutenção da estrutura fixa e engessada, pode existir a inversão de poder em determinados momentos.

A utilização de elementos dentro da fala policial que caracterizam as relações de poder e privilégios existenciais dentro das corporações pode ser explicada levando em consideração

¹⁷ **Hard power:** “O Hard Power como um todo, pode ser entendido como algo direto e mais perceptível por conta de suas ações concretas, podendo ser dividido em duas vertentes que se diferenciam e se complementam. A primeira é toda a esfera que o campo militar abrange dentro da articulação bélica de um ator. O Hard Power em sua vertente militar vai além do simples fato do conflito armado em si. As guerras e intervenções se enquadram nesta parte do conceito, mas não atuam de forma exclusiva. A coerção, indução e dissuasão podem ser vistas como Hard Power militar. Durante uma guerra, um Estado que se encontra em posição de subjugar um outro tem a capacidade, ligada a ameaça, medo ou punição, de persuadir, dissuadir ou induzir, para que o Estado subjugado faça o que o subjugador deseja (NYE, 2002). Sendo o Estado o único detentor legítimo da força sua articulação se restringe aos atores estatais. Um bom exemplo é o Acordo de Munique de 1938 que foi uma forma de articular o Hard Power militar sem que se necessite do conflito, dado que o acordo cedia à Alemanha Nazista parte do território da então Tchecoslováquia, sem o consentimento da mesma. Tal fato pode ser efetivado pelo medo de que houvesse uma nova guerra mundial, já que a França e a Grã-Bretanha, as potências vencedoras da Primeira Grande Guerra assinaram o acordo para evitar que um possível conflito se instalasse (HOBSBAWM, 2002, p.44 e 152). Os desfiles militares em grandes avenidas de países são formas de demonstrar esse poder. Estas práticas eram utilizadas com frequência em regimes Comunistas como o chinês e o soviético, principalmente durante a Guerra Fria, para intimidar inimigos, dissuadir revoluções internas e induzir aliados do regime. É importante ressaltar que a prática do Hard Power militar não é exclusivamente agressiva, ela pode ser, por vezes, vista como uma forma de defesa, para que se evitem ataques, para que se formem alianças ou outros tipos de diplomacias belicamente estratégicas (NYE, 2004, p.31).” Conceito estabelecido no artigo “O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye.” (Martinelli Caio, p. 68-69).

os estudos que consideram a existência das relações de poder presentes na língua, assim como as suas motivações políticas, econômicas e culturais.

Portanto é de fundamental importância saber que o poder não é exercido de maneira plena. A relação de poder se alterna até mesmo na PM. As relações de poder mudam seguindo algumas regulamentações. Dentro do próprio estatuto institucional existe a mudança de poder quando o policial sai do quadro da atividade para a inatividade. A questão permeia a da precedência quanto existe a transferência do quadro efetivo para a reserva. Tomamos como exemplo um Coronel “X” do quadro de oficial da PMBA que esteja há quatro anos nesse posto. Ele será, no que diz respeito ao aspecto funcional, superior a outro Coronel “Y” que tenha apenas dois anos no mesmo posto, ou seja, o Coronel “X” é mais antigo e tem precedência sobre o Coronel “Y” tendo esse último respeito pelo primeiro. Entretanto, se, nesse mesmo contexto o Coronel “X” for desligado do quadro efetivo da Polícia Militar, ele automaticamente se torna da reserva perdendo a precedência e, com isso, fica subordinado aos policiais da mesma classe no quadro efetivo e, assim, o Coronel “X” deve respeito ao Coronel “Y”

Nesse sentido, podemos perceber que as relações de poder são de forma cíclica e mutáveis até mesmo em instituições que reforçam a manutenção do conservadorismo para a manutenção do poder de forma mais unidirecional possível.

Nos desfiles e nas marchas é possível verificar alguns elementos caracterizadores dessa relação de poder que não se limita apenas à modelagem da postura e às prestações de continência de forma obrigatória para os superiores hierárquicos. É possível verificar, os comandos de ordem como “Ordinário, marche”, “Meia volta volver” e “Olhar para a esquerda”, que geralmente são entoados por um oficial de maneira alta e plena e todos os outros integrantes, que se encontram dentro do pelotão marchando de maneira sincronizada, são obrigados a executar o comando sem nenhuma contestação.

A composição da ordem unida de maneira estrutural dispensa a organização dos policiais por nível de antiguidade no mesmo grau de graduação ou posto. Nesse momento, o critério formacional é estabelecido pelo critério de altura quebrando momentaneamente a relação de poder hierárquico internamente entre a mesma classe. Contudo, o intuito dessa forma estrutural é passar um sentimento de força institucional e homogeneidade para o público externo que assiste à marcha coletivamente. Em outros momentos, como em eventos públicos, onde a formação da polícia é em fila indiana, também é mantido o critério da altura dentro da patrulha; porém, quando existe o comandante da patrulha de classe diferente, a

estrutura formacional é modificada, pois o comandante fica fora da fila, posicionado na lateral do destaque hierárquico.

A compreensão de poder existente dentro do meio institucional da PM contribui para os estudos da língua em uso, visto que as utilizações dos jargões são concebidas de maneira intencionais pelos falantes. Não podemos esquecer que o uso desses elementos é uma forma de estruturar e marcar as relações dentro da Polícia Militar marcadas de maneira hierárquica

4 SUPERIOR NÃO ERRA, SE ENGANA!¹⁸

4.1 ORDENS SUPERIORES¹⁹

Os jargões utilizados dentro da corporação não deixam dúvidas sobre como é formada a estrutura piramidal hierarquizada multifacetária dentro da polícia militar, tendo em vista que dentro desse processo é aplicada, através do *hard power*, o uso do poder institucionalizado através da língua com o objetivo de exercer força de comando sobre as classes subalternas. Às vezes, este poder pode ser utilizado de maneira irregular desviando da finalidade legal do regulamento interno, conhecido como “R quero”, resquício do autoritarismo destinado à irregularidade de aplicação plena e rigorosa de maneira ilegal do estatuto da polícia militar; portanto, aquele que tem o poder concentrado em um sistema onde a contestação é punida com contundência e veemência terá o prestígio e o privilégio de manipular as regras a seu interesse pessoal, mesmo de forma arbitrária, contrariando o interesse público.

A estrutura de pertencimento às categorias completamente diferentes dentro de uma instituição gera conflitos institucionais agravando e acirrando os interesses de poder existentes entre as classes das “praças”, subordinados e às categorias dos “oficiais”, que disputam as questões relacionado a manutenção ou desconstrução desta estrutura estagnada. Essa estrutura só favorece aqueles que estão no topo da pirâmide. Dessa forma, podemos verificar algumas revoltas ocorridas dentro da Polícia Militar baiana como forma de contestar o poder estabelecido pela categoria de comando.

A seguir, podemos verificar no trecho de SANTOS (2016) o descontentamento por parte das classes subalternas na greve de 2001. Existe o descontentamento em relação à estrutura organizacional e é conflituosa a relação de poder dentro da instituição.

O movimento reivindicatório de 2001, no cenário de greves realizadas pela polícia militar na Bahia, destaca-se em razão da quantidade de dias de paralisação [...] e por gerar desgastes profundos em elementos específicos da instituição, embora não tão suficientes para transformar caracteres estruturantes. Um desses elementos foi a significativa modificação na relação entre oficial e praças, bem como na relação entre praças e a imprensa, a saber:
[...]

¹⁸ **Superior não erra, se engana:** Resquícios de comportamento arcaico e complementemente equivocado onde não se admite que o superior, como ser humano comum, não seja susceptível a erros.

¹⁹ **Ordens superiores:** Ordens oriundas de superior hierárquico, denotando a impossibilidade de não haver contestação.

na relação com oficiais, a mudança deu-se em nível de respeitabilidade mútua, não tão impositiva e disciplinadora como outrora, mas baseada em certa cordialidade. Por exemplo, alguns oficiais passaram a ouvir e atender (quando possível) às necessidades individuais dos praças (ex.: adequar a escala de serviço do policial em razão de sua atividade acadêmica extra quartel, dentre outras); passaram a dialogar outros assuntos e a inseri-los em decisões administrativas, bem como desenvolver conjuntamente melhorias sociais à tropa [...]. Dessa forma, os soldados começaram a galgar e/ou impor respeito social e intelectual transformando, paulatinamente, saberes que os enquadravam apenas como mentes “robotizadas.” (SANTOS, 2016, p. 63).

Na passagem anterior, verificamos a disparidade na composição formacional entre as categorias de praças e oficiais, o que torna ainda mais o claro o processo de confrontação, mesmo de forma indireta entre as categorias, que lutam para que exista um equilíbrio maior entre as duas classes e, concomitantemente, lutam para a manutenção do poder centralizado nas mãos da classe dominadora da instituição.

A utilização da posição de fala revela uma estrutura entre os indivíduos de modo autoritário a onde o poder é expresso até em ambientes não monitorados, como visto em ambientes informais entre praças e oficiais ou entre categorias diferentes.

Logo adiante, segue uma tabela construída uma tabela a parti das conversas informais com policiais e da coleta de dados do livro “Do sordé ao coroné”, Cruz (1994). A partir dessa coleta, foram obtidos os jargões mais utilizados dentro do meio da Polícia Militar da Bahia o que contribui para a análise de como são estruturadas as relações de poder institucionais, ora de forma mais implícita, ora de maneira subliminar.

Tabela (3): Lista de jargões

JARGÃO MAIS UTILIZADOS NA PMBA	SIGNIFICADOS EM LIVRO	SIGNIFICADO NO AMBIENTE REAL
Apaisana	Em trajes civis; civilmente (v.); apaisanado (v).	Em trajes civis; civilmente (v.); apaisanado (v)

(Continua)

(Continuação)

A vontade	Ordem para ficar numa posição mais relaxada, dada por superior hierárquico, depois que alguém comandou sentido (v.).	Ordem para ficar numa posição mais relaxada, dada por superior hierárquico, depois que alguém comandou sentido (v.).
Antigo	Veterano, experiente, sabido, que tem precedência (v.) de mais antigo (v.).	Veterano, experiente, sabido, que tem precedência (v.) de mais antigo (v.).
Antiguidade é posto	Usa-se a expressão para impor a precedência (v.) de mais antigo (v.).	Usa-se a expressão para impor a precedência (v.) de mais antigo (v.).
Antiguidade	Superioridade (v); precedência (v.).	Superioridade (v); precedência (v.).
Até segunda ordem	Permanece a primeira, na expectativa do surgimento da segunda.	Permanece a primeira, na expectativa do surgimento da segunda.
Bater continência	Cumprimento respeitoso feito a superior hierárquico ou a qualquer outro companheiro, que consiste em levar a mão á pala da cobertura (v.) ou á testa.	Cumprimento respeitoso feito a superior hierárquico ou a qualquer outro companheiro, que consiste em levar a mão á pala da cobertura (v.) ou á testa.
Cessar	Parar de executar uma ordem bruscamente.	Parar de executar uma ordem bruscamente. Parar imediatamente de conversar, falar ou fazer qualquer tipo de baderna.

(Continua)

(Continuação)

Chefe	Superior hierárquico, comandante.	Superior hierárquico, comandante.
Dar “concelhos”	Dar sopapos, descer a madeira (v.); dar porrada em alguém.	Dar sopapos, descer a madeira (v.); dar porrada em alguém.
Dar capote	Ser promovido fora de tempo, fora da rotina normal, mediante apadrinhamento (v.); capote (v.).	Ser promovido fora de tempo, fora da rotina normal, mediante apadrinhamento (v.); capote (v.).
Deslocar viatura	Conduzir viatura para algum lugar	Conduzir viatura para algum lugar
Despachar	Mandar pros “quintos dos infernos”: matar, eliminar fazer desaparecer do mapa (v.) dar passagem de ida (v.) dar sumiço (v.).	Mandar pros “quintos dos infernos”: matar, eliminar fazer desaparecer do mapa (v.) dar passagem de ida (v.) dar sumiço (v.).
Divisa	Listra, símbolo da guarnição (v.) de praça (v.).	Listra, símbolo da guarnição (v.) de praça (v.).
Elemento suspeito	Pessoa suspeita; suspeito.	Pessoa suspeita; suspeito.
Elemento	Indivíduo (v.); suspeito; marginal (v.).	Indivíduo (v.); suspeito; marginal (v.).
Entrar em forma	Tomar parte, juntamente com outros, de um determinado dispositivo para marchar ou ouvir alguém.	Tomar parte, juntamente com outros, de um determinado dispositivo para marchar ou ouvir alguém.

(Continua)

(Continuação)

Estar liberado	Ser dispensado de serviço ou missão, ou ainda ter permissão para se retirar de algum recinto.	Ser dispensado de serviço ou missão, ou ainda ter permissão para se retirar de algum recinto.
Estrela	Símbolo do posto dos oficiais; oficial.	Símbolo do posto dos oficiais; oficial.
Ferir o regulamento	Ir de encontro às normas regulamentares; desobedecero regulamento; discordar.	Ir de encontro às normas regulamentares; desobedecero regulamento; discordar.
Flagrante forjado	Artifício incriminador para justificar invasão domiciliar ou abuso de autoridade; camuflagem de drogas, registra Arnaldo Xavier (1).	Artifício incriminador para justificar invasão domiciliar ou abuso de autoridade; camuflagem de drogas, registra Arnaldo Xavier (1).
Gemada	Estrela de oficial superior.	Estrela de oficial superior.
Graduado	Praça (v.) de função compreendida entre categoria (v.) e sub-tenente.	Praça (v.) de função compreendida entre categoria (v.) e sub-tenente.
Ir para reserva	Aposentar-se ou deslocar-se para o dormitório.	Aposentar-se.
O chefe manda, não pede	Submissão, puxa-saquismo.	Submissão.
Ordens superiores	Ordens oriundas de superior hierárquico, denotando a impossibilidade de não haver contestação.	Ordens oriundas de superior hierárquico, denotando a impossibilidade de não haver contestação.

(Continua)

(Continuação)

Ordinário, marche	Ordem pronunciada aos berros por quem está à frente de um grupamento, mandando iniciar a marchar.	Ordem pronunciada aos berros por quem está à frente de um grupamento, mandando iniciar a marchar.
Pagar continência	Prestar continência (v.) fazer continência (v.); cumprimento ou saudação militar.	Prestar continência (v.) fazer continência (v.); cumprimento ou saudação militar.
Parada	Solenidade onde se reúne a tropa para marchar, cantar hino, homenagear e outras atividades militares, sendo precedida de movimentos e evoluções marciais. Geralmente observa-se a incidência de caruara (v.) quando esses eventos são demorados.	Solenidade onde se reúne a tropa para marchar, cantar hino, homenagear e outras atividades militares, sendo precedida de movimentos e evoluções marciais. Geralmente observa-se a incidência de caruara (v.) quando esses eventos são demorados.
Passar a caneta	Dar parte, comunicar.	Dar parte, comunicar.
Peixada	Protetor; proteção; oportunidade; amigo influente com quem se consegue favores.	Protetor; proteção; oportunidade; amigo influente com quem se consegue favores.
Peixe	Protetor e protegido; afilhado; amigo influente.	Protetor e protegido; afilhado; amigo influente.
Praça	Graduado (v.) entre o recruta e os aspirantes a oficial.	Graduado (v.) entre o recruta e o aspirante a oficial.

(Continua)

(Continuação)

Precedência	Autoridade hierárquica sobre outro, as vezes do mesmo posto ou graduação.	Autoridade hierárquica sobre outro, as vezes do mesmo posto ou graduação.
Prestar continência	Fazer continência; cumprimentar.	Fazer continência; cumprimentar.
Presunto	Marginal morto; cadáver em estado de decomposição.	Marginal morto; cadáver em estado de decomposição.
Queima de arquivo	Extermínio daqueles que sabem de mais.	Extermínio daqueles que sabem de mais.
Queimado	Mal visto por todos, principalmente pelos superiores.	Mal visto por todos, principalmente pelos superiores.
Rabo de tropa	Quem fica no final da formação quando a tropa está “cobrindo por altura”	Quem fica no final da formação quando a tropa está “cobrindo por altura”
Rangar	Comida.	Comida.
Regulagem	Ajustar comportamento (com punição ou mijada) considerado indisciplinado.	Ajustar comportamento (com punição ou mijada) considerado indisciplinado.
Reserva	Aposentadoria; aposenta de oficial ou graduado, (o aposento do soldado chama-se de alojamento).	Aposentadoria; aposenta de oficial ou graduado, (o aposento do soldado chama-se de alojamento).
Rigoroso	Caxias (v.), exigente em demasia.	Caxias (v.), exigente em demasia.

(Continua)

(Continuação)

Sala de meios	Local a onde se encontra recursos auxiliares para o ensino, operação ou administração.	Local a onde se encontra recursos auxiliares para o ensino, operação ou administração.
Sargento de dia	Praça que fica de plantão na caserna durante um dia ou período deste.	Praça que fica de plantão na caserna durante um dia ou período deste.
Sim, senhor	Aquiescência (mesmo puramente formal) a qualquer ordem superior.	Aquiescência (mesmo puramente formal) a qualquer ordem superior.
Superior não erra, se engana	Resquícios de comportamento arcaico e completamente equivocado onde não se admite que o superior, como ser humano comum, não seja susceptível a erros.	Resquícios de comportamento arcaico e completamente equivocado onde não se admite que o superior, como ser humano comum, não seja susceptível a erros.
Superior	Que esta hierarquicamente acima.	Que esta hierarquicamente acima.
Superioridade	Qualidade daquele que é superior hierárquico.	Qualidade daquele que é superior hierárquico.

(Continua)

(Continuação)

Traquejar	Perseguir alguém; prejudicar a carreira de alguém; atrasar a execução de uma ordem ou qualquer outra tarefa.	Perseguir alguém; prejudicar a carreira de alguém; atrasar a execução de uma ordem ou qualquer outra tarefa. Executar alguma tarefa disciplinar ou participar contra a vontade de atividades física, marchar, solenidades e treinamentos que tem o objetivo de levar os participantes a exaustão física ou mental.
Trocar tiro	Responde a fogo inimigo; participar de tiroteio.	
Última forma	Movimento ou posição anterior aquela que foi ordenada; desfazendo alguma coisa.	Movimento ou posição anterior aquela que foi ordenada; desfazendo alguma coisa.
Vibração	Otimismo, excesso de zelo no cumprimento das ordens.	Otimismo, excesso de zelo no cumprimento das ordens.
Vibrar	Excitar-se em demasia; marchar com garbo; marchar exageradamente.	Excitar-se em demasia; marchar com garbo; marchar exageradamente. Policial que ama a Polícia Militar e que atua de maneira ativa nas suas atividades diárias.
Quem dar o pão dar o castigo	X	O estado tem o papel e o direito de punir o policial militar quando necessário, tendo em vista que é o mesmo é funcionário público e recebe pelo serviço prestado ao governo.

Fonte: CRUZ (1994)

A tabela acima ilustra como são construídas as relações de poder de maneira hierarquizada dentro da Polícia Militar baiana, utilizando por diversas vezes a manutenção da subserviência dentro da estrutura comunicacional. A utilização dessas expressões permite a verificação de como são desiguais as relações estabelecidas entre dois indivíduos policiais no espaço interacional em condições de disparidades na posição de subalterno oprimida e o outro de superior repressor.

Os jargões também estão ligados à manutenção política estrutural da PMBA que pré-estabelece o culto à subordinação para o controle rigoroso do estado sobre cada integrante policial, como pode ser visto nos Artigos 34 e 35 do Estatuto da Polícia Militar.

Art. 34 - Todo cidadão, após ingressar na Polícia Militar mediante inclusão, matrícula ou nomeação, prestará compromisso de honra, no qual afirmará a sua aceitação consciente das obrigações e dos deveres policiais-militares e manifestará a sua firme disposição de bem cumpri-los.

Art. 35 - O compromisso a que se refere o artigo anterior terá caráter solene e será prestado na presença de tropa, tão logo o policial-militar tenha adquirido um grau de instrução compatível com o perfeito entendimento de seus deveres como integrantes da Polícia Militar, conforme os seguintes dizeres: “Ao ingressar na Polícia Militar do Estado da Bahia, prometo regular a minha conduta pelos preceitos da moral, cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a que estiver subordinado e dedicar-me inteiramente ao serviço policial-militar, à manutenção da ordem pública e à segurança da comunidade, mesmo com o risco da própria vida”. (Estatuto da Polícia militar, 1981, pag. 9.).

4.2 PRESTAR CONTINÊNCIA²⁰

A continência é um símbolo militar para reverenciar a autoridade hierarquicamente acima, assim podemos fazer uma associação direta com a utilização dos jargões do subordinado para com o seu superior evidenciando a necessidade de mostrar o respeito no tratamento dentro e fora dos espaços militares.

A utilização desses jargões é compreendida de maneira intencional para a manutenção do sistema de forma estrutural imutável, tentando manter as relações de poder de maneira mais estagnada possível. Não se concentra o poder de maneira plena e absoluta nas estruturas estabelecidas, até mesmo quando se trata de um órgão militar, tendo em vista que a instituição fica subordinada administrativamente à secretaria de segurança que, por sua vez, está

²⁰ Prestar continência: Fazer continência; cumprimentar.

subordinada ao governo estadual. Deste modo, o poder é imposto de cima para baixo dentro da construção existencial da Polícia Militar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia tem como foco a análise dos jargões utilizados pela Polícia Militar e pode contribuir para os estudos na área de Letras. Foram pesquisadas as relações comunicativas existentes entre integrantes da Polícia Militar baiana. Procurou-se explicitar, brevemente, a relação existente entre o exército brasileiro e a Polícia Militar da Bahia, pois toda a base formacional da corporação baiana é constituída a partir das estruturas, da cultura e da linguagem do exército.

A pesquisa por diversas vezes encontrou dificuldades para acessar informações até mesmo da instituição, que ainda hoje é fechada para o acesso dos pesquisadores. A voz dos próprios policiais dentro da pesquisa sobre o assunto através de entrevistas de campo foi prejudicada por conta da acessibilidade à instituição. Para minimizar a “voz dos apagados” foram coletados em outras pesquisas relatos dos policiais sobre os seus olhares institucionais da corporação.

A utilização de jargões na Polícia Militar revela o processo de aculturação da linguagem vinda do Exército brasileiro e tem como objetivo funcional marcar a posição de superioridade da corporação como forma de manutenção da estrutura de poder existente dentro do espaço institucional. Não se pode deixar de lado o uso da linguagem para criar, intencionalmente, o ruído na comunicação com os indivíduos que não são participantes dessa comunidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Enio Antonio. **Uma História da formação dos oficiais da força pública paulista: academia do Barro Branco (1953-2008)**. Editora: UNICAMP, Campinas, 2015.
- BRETAS, Marcos Luiz; ROSEMBERG, André. **A história da polícia no Brasil: balanço e perspectivas**. Rio de Janeiro-RJ, Brasil. P. 162-173, 2013.
- CRUZ, Josemar. **Do sordé ao coroné**. Editora: Contraste. Forte do barbalho, 1994.
- JUNIOR, Almir de Oliveira. **Cultura e atitudes ocupacionais entre policiais militares em Belo Horizonte**. Editora: UFMG. Belo Horizonte, 2007.
- LINHARES, Carlos de Albuquerque. **Escola de bravos: Cotidiano e currículo numa academia de Polícia Militar**. Editora: UFBA, Salvador, 1999.
- LINHARES, Carlos de Albuquerque. **Sob o signo de Marte: modernização, ensino e ritos da instituição policial militar**. Sociologias, Porto Alegre, nº 5, 2001, p.214-237.
- LOCHE, Adriana. **Segurança e Controle Social: uma análise do policiamento comunitário**. Editora: USP, São Paulo, 2012.
- LOPES, Cleber da Silva; RIBEIRO, Ednaldo Aparecido; TORDORO, Marcos Antonio. **Direitos Humanos e Cultura Policial na Polícia Militar do Estado do Paraná**. Sociologias, Porto Alegre, 2016, p. 320-353.
- MARTINELLI, Caio Barbosa. **O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye**. Editora; UNAERP, Ribeirão Preto, 2016.
- OLIVEIRA FILHO, Almir. **Cultura de polícia: Cultura e atitudes ocupacionais entre policiais militares em Belo Horizonte**. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em (Ciências Humanas: Sociologia e Política) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo horizonte, 2007.
- REIS, João José. **Recôncavo rebelde: Revoltas escravas nos engenhos baianos**. Editora: UFBA, Salvador, 1992.
- RIBEIRO, Iselda Corrêa. **Polícia. Tem futuro? Polícia e Sociedade em David Bayley**. Sociologias, Porto Alegre, 2002, p.444-453.
- SANTOS, Aretuza. **A greve da Polícia Militar da Bahia no campo do discurso: Disputas pelo sentido**. Editora: UFBA, Salvador, 2016.
- SEVERO, Cristiane Goraki. **Política(S) linguística(S) e Questões de Poder**. Alfa, São Paulo, 57 (2): p. 451-473, 2013.
- SOUSA, Reginaldo Canuto; MORAIS, Maria do Socorro de Moraes. **Polícia e Sociedade: uma análise da história da segurança pública brasileira**. Jornada internacional de políticas públicas, V, 2011, São Luís/Maranhão, Brasil.

SOUZA, Marcos Santana. **“Sou policial, mas sou mulher”: gênero e representações sociais na polícia militar de São Paulo**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-UNICAMP, Campinas, 2014.

VALLA, Wilson Odirley. **Súmula da Destinação das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares**. Transcrição textual do capítulo 6, da obra de Doutrina de Emprego de Polícia Militar e Bombeiro Militar, 3ª edição, editada sob o patrocínio da Associação Vila Militar (AVM), Curitiba, 2012.